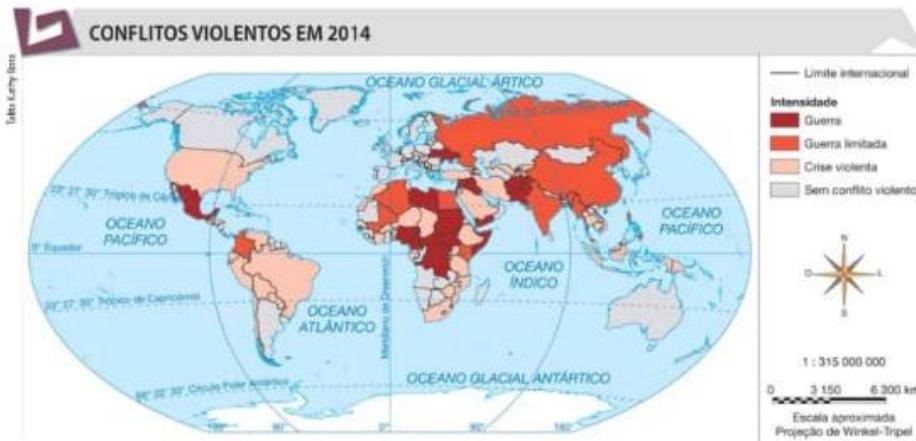


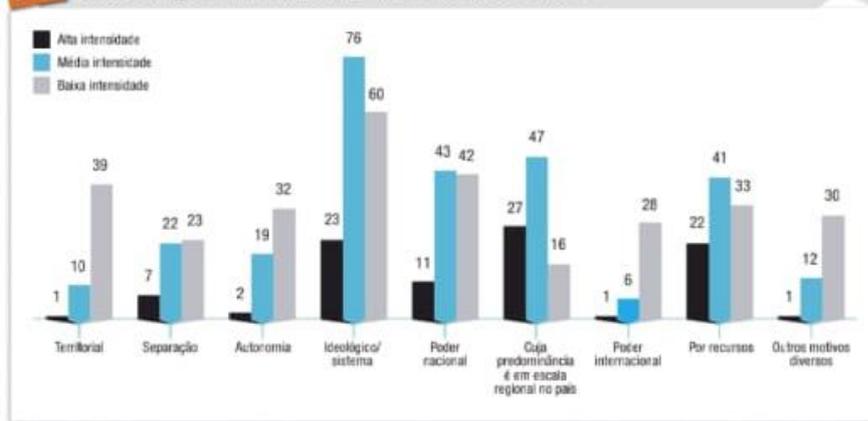
Os conflitos mundiais têm diversas origens e são de diferentes naturezas. Considerando-se, por exemplo, o envolvimento da população e a utilização de armas, bem como as consequências associadas a essas questões (destruição, mortes e refugiados), podemos classificá-los em três graus (do menor para o maior): crise violenta, guerra limitada e guerra. Sob essa perspectiva, teríamos o seguinte panorama dos conflitos no mundo em 2014:



Fonte: HEIDELBERG INSTITUTE FOR INTERNATIONAL CONFLICT RESEARCH. *Conflict barometer 2014*. Heidelberg: Heidelberg Institute for International Conflict Research, 2015. p. 13. Disponível em: <http://www.hikr.de/en/konfliktbarometer/pdf/Conflictbarometer_2014.pdf>. Acesso em: 15 set. 2015. Adaptação.

É importante ressaltar que esses conflitos mundiais não são motivados pelos mesmos fatores. Observe o gráfico a seguir, que ilustra quais foram as principais causas relacionadas, bem como a escala de intensidade de cada um.

Ocorrência global de conflitos: motivo e intensidade (2014)



Fonte: HEIDELBERG INSTITUTE FOR INTERNATIONAL CONFLICT RESEARCH. *Conflict barometer 2014*. Heidelberg Institute for International Conflict Research, 2015. p. 18. Disponível em: <http://www.hiik.de/en/konfliktbarometer/pdf/ConflictBarometer_2014.pdf>. Acesso em: 15 set. 2015. Adaptação.

Conflitos atuais

A seguir, estudaremos os principais conflitos atuais, os países e grupos envolvidos, bem como seu contexto.

Os ataques de 11 de setembro e o terrorismo internacional

Em 11 de setembro de 2001, dois aviões conduzidos por sequestradores da rede terrorista Al Qaeda atingiram os prédios do complexo World Trade Center (popularmente denominados "torres gêmeas"), um dos símbolos do poderio financeiro dos Estados Unidos, em Nova Iorque. Outro avião atingiu o Pentágono, centro do poder militar estadunidense, em Washington. Um quarto avião estaria se dirigindo à Casa Branca (residência oficial do presidente dos Estados Unidos), mas foi derrubado. Esses foram considerados os maiores ataques terroristas já ocorridos na história, resultando em aproximadamente três mil mortes.

A organização que assumiu a autoria dos ataques do 11 de setembro foi a rede Al Qaeda, responsável por outros graves atentados antes dessa data.

1993 – explosão de um carro-bomba no World Trade Center (o mesmo alvo do atentado posterior, em 2001).



1998 – explosões nas embaixadas estadunidenses no Quênia e na Tanzânia (na cidade de Dar es Salaam, como mostra a foto).



2000 – ataque a um navio da marinha estadunidense, o USS Cole, que estava ancorado no Iêmen.



Al Qaeda

[...] A al-Qaeda, rede terrorista internacional criada por Osama bin Laden no final dos anos 1980, tem como meta tentar barrar a influência ocidental em países muçulmanos e substituir seus governos por regimes fundamentalistas.

Estudiosos, no entanto, tendem a discordar da percepção comum no Ocidente de que a al-Qaeda seja uma organização terrorista poderosa, composta por milhares de homens treinados e presentes em todos os continentes prontos para cumprir as ordens de seu líder. "Em vez disso, essa ameaça é nova e diferente, complexa e diversificada, dinâmica e multiforme e extremamente difícil de ser definida", diz o jornalista norte-americano Jason Burke [...]. "Mesmo em sua fase mais organizada, no final de 2001, não podemos ver a al-Qaeda como uma organização terrorista coesa e estruturada, com células por toda parte, ou imaginar que tivesse absorvido todos os outros grupos em suas redes."

O próprio nome "al-Qaeda" é controverso. Segundo Burke, a palavra que em árabe pode definir desde uma base ou um lar até um alicerce ou pedestal, já era usada em meados dos anos 1980 entre radicais islâmicos vindos de todos os cantos para defender o Afeganistão da invasão soviética, deflagrada em 1979.

SAIBA mais sobre a al-Qaeda, rede terrorista criada por Bin Laden. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/05/saiba-mais-sobre-al-qaeda-rede-terrorista-criada-por-bin-laden.html>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

As operações militares empreendidas pelos Estados Unidos e seus aliados contra a Al Qaeda, somadas ao bloqueio de contas bancárias e das transações financeiras de seus principais líderes, podem ter debilitado severamente a organização no período pós-11 de setembro, mas não impediram definitivamente os ataques terroristas.

- 2004 – Explosões de trens em Madri, na Espanha, mataram 191 pessoas.
- 2005 – Quatro explosões em sequência, sendo três em estações de metrô e uma em um ônibus em Londres, no Reino Unido, mataram 52 pessoas.
- 2008 – A embaixada dinamarquesa em Islamabad, no Paquistão, foi alvo de um ataque com um carro-bomba. A Dinamarca havia sido ameaçada por diversos grupos fundamentalistas islâmicos após a publicação de charges do profeta Maomé em jornais do país.
- 2015 – Pelo mesmo motivo, a sede do periódico satírico francês *Charlie Hebdo* foi atacada, o que resultou em 12 mortos.
- Além desses ataques, milicianos da rede Al Qaeda têm tido expressiva participação nas regiões de conflito do Oriente Médio, especialmente em Iraque, Síria e Iêmen, realizando ataques diversos.

Há alguns anos, no entanto, a comunidade internacional tem dado maior destaque às ações de outro grupo terrorista islâmico, que, embora seja uma dissidência da rede Al Qaeda, utiliza métodos distintos de ação. Trata-se do Estado Islâmico, organização que será tratada mais adiante, quando for abordada a questão das guerras do Iraque e da Síria.

É importante verificar, também, que as ações terroristas que marcaram as últimas décadas não foram uma exclusividade da rede Al Qaeda. Há diversas organizações, sem a mesma amplitude geográfica em suas áreas de atuação, que promovem lutas regionais contra inimigos específicos. As motivações são diversas: separatismo ou luta pela autonomia de determinado povo, reações a ações oficiais repressivas, rejeição às diversidades étnicas, religiosas e culturais, entre outras.



■ Moradores de Oslo, Noruega, depositam flores em homenagem às vítimas do ataque terrorista de 22 de julho de 2011

Afeganistão e Iraque

Correspondem a dois países que vêm passando por duros conflitos desde a segunda metade do século XX.

Afeganistão

O Afeganistão localiza-se no sul da Ásia e sua população totaliza aproximadamente 30 milhões de habitantes. Seu relevo montanhoso dificulta o estabelecimento de sistemas de transporte e, portanto, o controle dessas regiões montanhosas é estratégico. Praticamente 90% da população é muçulmana, e 42% dela compõe um grupo étnico denominado *pash tun*.

Desde 1979, ano em que foi invadido pela União Soviética para consolidar o socialismo no país, tem havido uma série de conflitos armados em território afegão. Em oposição à União Soviética, grupos tribais armados conhecidos como *mujahedins* foram apoiados pelos EUA (era o contexto da Guerra Fria).

Um acordo de paz assinado em Genebra assegurou a retirada das tropas soviéticas em 1989. O país, contudo, tornou-se instável, pois os grupos tribais continuavam combatendo o governo do partido local, que ainda recebia apoio soviético. Em 1992, os *mujahedins* conseguiram tomar a capital Kabul e estabelecer seu governo, embora não reconhecido.

Mesmo países cujas situações política e econômica se caracterizam por maior estabilidade e que, além disso, apresentam relações internacionais historicamente não intervencionistas não estão livres de atentados terroristas em seus territórios. É o caso da Noruega. Em julho de 2011, por conta da intolerância à presença estrangeira em solo europeu, um jovem norueguês realizou dois atentados seguidos no centro da capital, sendo um deles no local onde ocorria um encontro da juventude de um partido político. O ato era uma retaliação contra a suposta política de proteção aos imigrantes.



Fonte: IBGE. Atlas geográfico escolar. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 32. Adaptação.

Nesse ambiente, um líder religioso *pashtun* conhecido como **mulá** Omar liderou a formação do grupo Taleban (estudantes do Islã) com diversos combatentes *mujahedins*. Tal grupo interpretava rigidamente a Sharia (lei islâmica), restringindo acessos à cultura ocidental e impondo costumes e posturas rígidas a homens e, especialmente, a mulheres.

A conquista de Kandahar se deu em 1994 e a de Kabul, em 1996. Reconhecido por alguns países do Oriente Médio, o então governo formado, liderado pelo mulá Omar, aproximou-se do milionário saudita Osama bin Laden, que havia apoiado os *mujahedins* e financiava e controlava o grupo terrorista Al Qaeda no Afeganistão. Em 1998, a Al Qaeda convocou os muçulmanos a eliminar os estadunidenses e seus aliados.

A recusa do mulá Omar de entregar Bin Laden, que havia assumido a autoria dos atentados de 11 de setembro de 2001, aos EUA fez com que a retirada dos talebans do poder e a eliminação dos campos de treinamento utilizados pela Al Qaeda no Afeganistão se tornassem prioridades para os Estados Unidos. Nesse mesmo ano, os estadunidenses lideraram uma operação (denominada *Enduring freedom*) com diversos países, invadindo o Afeganistão. Em dezembro, o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou a criação da *International Security Assistance Force* (Isaf), cuja coordenação foi dada à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) em 2003, a qual passou a liderar a reconstrução e a reorganização do país.



Trabalhos de reconstrução da capital Kabul, no Afeganistão, em 2013

Apesar de o governo dos talebans ter sido destituído, estes voltaram a se organizar nas montanhas do sudeste do país, fazendo guerrilha, de forma similar ao período da invasão soviética. A Guerra do Afeganistão constitui um dos grandes desafios para a política internacional estadunidense desde então. A retirada oficial das tropas da Otan somente se concretizou no final de 2014, mas de modo parcial, em razão da instabilidade no país.

Guerras do Iraque

O Iraque se localiza no Oriente Médio, continente asiático, e conta com uma população de aproximadamente 33 milhões de habitantes. A composição étnica do país é de 75 a 80% de árabes, 15 a 20% de curdos e o restante divide-se entre turcomanos, assírios e outros grupos. A religião oficial é o islamismo (99% da população, sendo quase dois terços da corrente xiita, e os demais, da sunita).

Uma das consequências marcantes dos ataques de 11 de setembro de 2001 foi a política de guerra preventiva adotada pelo governo dos Estados Unidos, a qual ficou conhecida como Doutrina Bush. Em sua estratégia de guerra ao terror, o então presidente George W. Bush passou a chamar de "eixo do mal" um grupo de países não alinhados politicamente aos interesses estadunidenses e acusá-los de oferecer abrigo a grupos terroristas.



Fonte: IBGE. Atlas geográfico escolar. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 32. Adaptação.

mulá: doutor em leis corânicas (referente ao Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos).

Entre esses países, estava o Iraque, cujo ditador Saddam Hussein, de forma similar ao que aconteceu com Osama bin Laden, passou de antigo aliado estadunidense, na época da **Guerra Irã-Iraque** (1980 a 1988), a inimigo, inclusive já tendo enfrentado o poder de fogo dos Estados Unidos durante a **Guerra do Golfo** (1991), além de um severo embargo econômico nos anos seguintes.

Guerra Irã-Iraque

Em 1979, ocorreu a Revolução Iraniana, a qual depôs um antigo aliado estadunidense no Oriente Médio, o Xá Reza Pahlevi, e conduziu ao poder um governo teocrático islâmico xiita que se opunha aos interesses dos Estados Unidos na região. Para minar a influência do Irã, o governo estadunidense passou a apoiar seu vizinho Iraque, governado pelo sunita Saddam Hussein, que havia assumido o poder em 1979, com a renúncia de Ahmad Hassan al-Bakr. Em 1980, Saddam iniciou a Guerra Irã-Iraque, a fim de reduzir a influência xiita na região e aumentar seu poder de influência no Oriente Médio. A guerra se estendeu até 1988, sem vencedores, mas com o saldo de um milhão de mortos, de ambos os lados. O Iraque contou com o apoio dos EUA, enquanto o Irã obteve o apoio explícito da China e da Síria e implícito da URSS, mesmo nunca tendo sido muito próximo de Moscou – contudo, esse foi mais um episódio que evidenciou o contexto bipolar da Guerra Fria.

Guerra do Golfo

Em 1990, no comando de um país belicamente muito fortalecido pelas armas obtidas da URSS (até 1979) e dos EUA (pós-1979), Saddam Hussein invadiu o Kuwait, com argumentos ligados ao preço, às cotas de produção do petróleo (ambos os países são membros da Opep) e à antiga unificação territorial entre os dois países na região. Tomar o controle das reservas petrolíferas do Kuwait também era uma forma de o Iraque se recompor financeiramente dos gastos causados pela guerra com o Irã (1980-1988). A reação da comunidade internacional contra o Iraque foi rápida. Liga Árabe, ONU e Estados Unidos prontamente se opuseram ao ato de Saddam Hussein. Os EUA formaram uma coalizão internacional – que incluía até alguns países árabes preocupados com o poder crescente e as ambições territoriais de Saddam – e intervieram militarmente com o argumento de defender a liberdade do povo kuwaitiano. Durante a Guerra do Golfo, um dos episódios mais dramáticos ocorreu quando as tropas de Saddam Hussein atearam fogo nos campos petrolíferos kuwaitianos e derramaram milhões de litros de petróleo no mar, enquanto batiam em retirada. O controle dos incêndios demandou uma operação logística extremamente difícil e o prejuízo ambiental gerado foi incalculável.



Campos de petróleo incendiados no Kuwait em 1991

Aproveitando o momento de tensão geopolítica para derrubar o ditador iraquiano e obter maior controle sobre a produção de petróleo do país, os EUA iniciaram, em 2003, uma nova guerra contra o Iraque. Dessa vez, de modo unilateral, sem o apoio da ONU, argumentando que resoluções anteriores tinham uma aprovação implícita. A alegação foi de que Saddam Hussein teria vínculos com a Al Qaeda e que estaria desenvolvendo armas de destruição em massa, o que não foi comprovado posteriormente.



Derrotado e destituído logo no início da ofensiva, Saddam ficou anos escondido, sendo, enfim, descoberto, capturado, julgado por um tribunal especial e executado durante o governo interino estabelecido no país, em 2006. Apesar da retirada da maioria das tropas estadunidenses, o país ainda vive um cenário de guerra civil, especialmente após a ascensão do Estado Islâmico, como será abordado adiante.

Estátua de Saddam sendo derrubada na Praça Firdos, em Bagdá, capital do Iraque, em 2003



Atividades

1. Até que ponto o fortalecimento das organizações terroristas no Oriente Médio está relacionado às políticas internacionais empregadas pelas superpotências da Guerra Fria?
2. Qual foi o motivo que ocasionou a invasão do Iraque em 2003?

Primavera Árabe

Em dezembro de 2010, um jovem tunisiano ateou fogo ao próprio corpo em praça pública para protestar contra as condições de vida no país em que vivia.

Provavelmente, o rapaz não imaginava que, com seu sacrifício, estaria desencadeando o que se pode definir como uma onda de rebeliões populares que se espalhou por vários países árabes. O movimento culminou com a queda de diversos governos e ficou conhecido como a Primavera Árabe (uma referência à Primavera de Praga, quando movimentos populares tchecoslovacos tentaram tirar o país da esfera de influência da URSS e do Partido Comunista tcheco, em maio de 1968).

1. Líbia: Muammar Kadafi governou por mais de 40 anos. Em 2011, os protestos geraram uma violenta guerra civil que somente foi decidida contra o governante pela intervenção direta das tropas da Otan. Mesmo assim, seu governo resistiu por seis meses, até que Kadafi fosse destituído, capturado e executado por rebeldes.

2. Tunísia: os protestos levaram à rápida queda do presidente Ben Ali em 2011. Ele estava no poder desde 1987.

3. Jordânia: o fim de subsídios do governo aos combustíveis como exigência do FMI gerou uma série de protestos em 2012, inclusive contra o rei Abdullah II, que flexibilizou a política de consultas e eleições parlamentares.

4. Síria: o governo de Bashar al-Assad, que comanda o país desde o ano 2000, apesar da crescente perda de poder, continuava, até meados de 2015, resistindo após diversas ondas de protestos e atuação militar de milícias armadas.

5. Argélia: protestos em 2011 levaram o presidente Abdelaziz Bouteflika a buscar reverter o estado de emergência que vigorava no país há 19 anos bem como a fazer uma série de concessões, embora de pouco impacto efetivo para a população.

6. Iêmen: os protestos populares caminhavam para uma guerra civil, quando o ditador Ali Abdullah Saleh negociou a realização de eleições. Em novembro de 2011, ele deixou o poder, após 33 anos.

7. Marrocos: o rei Mohammed VI concordou com algumas mudanças políticas após protestos em 2011. Contudo, na prática, nenhuma delas foi efetivamente observada ainda no país.

8. Iraque: inspirados pelas movimentações na Tunísia e no Egito, ocorreram protestos contra a corrupção, a falta de emprego e por maior participação política. Apesar de falar que não assumiria novo mandato, o primeiro-ministro recuou, mas renunciou posteriormente com os avanços da ocupação do Estado Islâmico no nordeste do país.

9. Egito: vivia a ditadura pró-ocidental de Hosni Mubarak (que assumiu o poder 30 anos antes, após o assassinato de Anwar Sadat, em 1981). Os maiores protestos populares em 2011 ocorreram na Praça Tahrir, no Cairo, colaboraram para sua queda. O presidente eleito em 2012 sofreu um golpe militar e, em 2014, foi eleito Abdel Fattah el-Sissi, um dos líderes do golpe.

10. Arábia Saudita e Bahrin: os protestos da Primavera Árabe na Arábia Saudita foram duramente reprimidos pelas forças armadas. No Bahrin, o rei – um sunita que governa pela força um país de maioria xiita – chegou a pedir ajuda militar à Arábia Saudita para conter os protestos. As monarquias da Arábia Saudita e do Bahrin até o momento não foram derrubadas.

